

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KARYNE DA SILVA HIPOLITO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ECONOMIA COMPORTAMENTAL:  
A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA PARA  
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

CURITIBA

2018

KARYNE DA SILVA HIPOLITO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ECONOMIA COMPORTAMENTAL:  
A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA PARA  
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Sbicca Fernandes

CURITBA 2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

KARYNE DA SILVA HIPOLITO

### **EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ECONOMIA COMPORTAMENTAL: A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Sbicca Fernandes  
Departamento de Ciências Econômicas,  
UFPR

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Bagattolli  
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Maria Maia  
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, 06 de julho de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata a DEUS, pelo seu amor. Por me dar a vida, a saúde, a alegria e por me permitir experimentar sua boa, perfeita e agradável vontade, realizando sonhos, sendo este trabalho, um deles.

Agradeço aos meus pais por viverem essa alegria juntamente comigo, me incentivando e estando presentes em todo tempo. Tudo é por vocês. Amo vocês seus lindos.

Agradeço de forma especial, à minha orientadora, professora Adriana, que sempre com um sorriso no rosto me motivava através das conversas sobre o tema. Cada vez que saía de sua sala, me sentia encorajada! Muito obrigada professora.

Aos familiares e amigos que estiveram presentes de alguma forma, meu muito obrigada! Vocês são parte da minha alegria.

Por fim, sou grata pela vida da minha vózinha, dona Gessi, que sempre se importou comigo em detalhes e sempre apresentou esses detalhes em oração a DEUS. Te amo Vó, obrigada por tudo.

E agora, que a glória seja dada a DEUS, o qual por  
meio de seu poder que age em nós, pode fazer muito  
mais do que  
nós pedimos ou pensamos!

Paulo de Tarso.

## **RESUMO**

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de conhecer quais são os principais fatores influentes no processo de aprendizado de uma criança, incluindo a ação da criação de hábitos referentes aos conhecimentos das finanças pessoais. Com isso, considerou-se o processo de decisão de um indivíduo, analisando seu comportamento de acordo com a teoria da economia comportamental. A relevância da pesquisa se deve ao fato de ter sido baseada em informações reais da população brasileira e, para isso, além da revisão teórica com base em autores nomeados da economia comportamental, fez-se uma análise da realidade dos conhecimentos e hábitos financeiros encontrados em uma criança. A partir da revisão teórica, aplicou-se um questionário no mês de junho direcionado a crianças e adolescentes, alvo principal descrito no trabalho. Extraíu-se uma amostra de 50 representantes em idade escolar, participantes dos anos finais do ensino fundamental da cidade de Curitiba, PR. Os resultados da pesquisa em geral confirmaram os autores mencionados na revisão teórica, e demonstraram através da amostra, que crianças e adolescente possuem maior conhecimento em assuntos que os pais lhes permitem participar, e isso desenvolve neles maior interesse a respeito de determinados assuntos, em especial, assuntos financeiros.

Palavras-chave: Educação financeira. Hábitos. Crianças. Alfabetização financeira. Economia comportamental.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is know the main most influential factors in the process of learning in a child, including the action of the creation of habits referring to the knowledge of personal finances. With this, it considered the decision process of an individual, analyzing its behavior according to the behavioral economic theory. The relevance of this research is because it is on base in real information of the Brazilian population and for this, besides the theoretical revised based on authors named of the behavioral economic, an analysis was made of the knowledge and financial habits found in a child. From the theoretical review, applied a questionnaire in the month of June aimed at children and teenagers, the main target described in the study. Extracted a sample of 50 school- aged elements, participants of the final years of elementary school in the city of Curitiba, PR. The results of the research in generally, confirmed the authors mentioned in the theoretical review and demonstrated through the sample that children and teenagers have greater knowledge in subjects that parents allow them to participate, and this develops in them a greater interest in certain subjects, especially, financial affairs.

Keywords: Financial education. Habits. Children. Financial literacy.  
Behavioral economics.

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC	- Base Nacional Curricular Comum
ENEF	- Estratégia Nacional de Educação Financeira
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
INDEF	- Indicador de Educação Financeira
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OECD	- Organisation for Economic Co-operation and Development
PISA	- Programme for International Student Assessment
SERASA	- Centralização de Serviços dos Bancos
SPC	- Serviço de Proteção ao Crédito
UNESCO	- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>12</b>
2.1 O COMPORTAMENTO FINANCEIRO DO BRASILEIRO .....	12
2.2 UMA ABORDAGEM A ECONOMIA COMPORTAMENTAL .....	16
2.3 POR QUÊ CRIANÇAS? .....	19
2.4 HÁBITOS E CRIANÇAS.....	20
2.4.1 Abordagem Financeira .....	23
2.5 ECONOMIA COMPORTAMENTAL E A EDUCAÇÃO.....	25
2.6 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA .....	28
<b>3. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>33</b>
3.1 PESQUISA DE CAMPO .....	33
3.2 AMOSTRAGEM E COLETA DE DADOS .....	33
3.3 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	34
3.4 QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA .....	35
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>37</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS FINANCEIROS BÁSICOS.....	37
4.2 HÁBITOS FINANCEIROS .....	38
4.3 NOVAS PESQUISAS .....	39
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Pode-se constatar a realidade da população brasileira no que diz respeito a finanças pessoais. A presença do alto índice de endividamento no país tem agregado importância na existência de conhecimentos básicos acerca de assuntos financeiros, os quais fazem parte do cotidiano de qualquer pessoa. Os hábitos formados em um indivíduo são um dos fatores de maior influência em seu padrão de consumo. Reconhece-se também, que tais hábitos podem surgir desde a infância, fato este que tem impulsionado especialistas a analisarem os impactos causados na vida de uma pessoa adulta pelos hábitos gerados enquanto criança.

O Indicador de Educação Financeira, criado pela Centralização de Serviços dos Bancos – Serasa, apresentou dados que demonstram a realidade do brasileiro no que se refere a finanças pessoais. Em uma escala de 0 a 10, a nota obtida pelos brasileiros acerca de seu conhecimento financeiro foi de 6,2 para o ano de 2017, a qual se manteve estável durante dois anos consecutivos. O índice de inadimplência também apresentado, constatou que 61,1 milhões de brasileiros estavam endividados no ano de 2017 (SERASA, 2018).

Considerando tal realidade, encontrar no processo de decisão do agente econômico a razão pela qual essas dívidas surgem, tem sido objeto de estudo de muitos economistas. Alguns apontam como principais causas a insuficiência da renda familiar obtida, a falta de conhecimento financeiro, o excesso do uso de crédito, os hábitos de consumo, entre outros.

À vista disso, a ciência econômica busca entender o processo decisório com base no comportamento do consumidor frente uma tomada de decisões. A economia tradicional parte da racionalidade, apresentando causas e efeitos fundamentados em estudos microeconômicos onde o comportamento do consumidor é dado por premissas simplificadoras, os chamados axiomas. Porém, percebe-se que nem sempre os consumidores agem de forma racional, dada a existência dos diversos fatores capazes de influenciar esse processo.

Entre os mais variados campos de estudo da ciência econômica, há um que tem se destacado nos últimos anos. A disciplina conhecida como Economia Comportamental tem alcançado grande prestígio e tem sido desenvolvida através de estudos e descobertas empíricas referentes ao comportamento do agente

econômico. Foi aprimorada na década de 80 por Daniel Kahneman e Amos Tversky, que agregaram conhecimentos da psicologia à economia, “trazendo a ideia de que as imperfeições no mercado, além de tudo, poderiam ser causadas por falhas no comportamento humano” (HEUKELOM, 2014). Com base nesses aprimoramentos, a visão obtida pelos economistas dessa área é de que as pessoas aceitam soluções que trazem satisfações momentâneas, buscam rapidez no processo de decisão, possuem dificuldade em equilibrar interesses de curto e longo prazo e são fortemente influenciadas por fatores emocionais e pelo comportamento alheio. Dessa forma, constantemente tomam decisões com base em experiências pessoais, em conhecimentos obtidos, em regras práticas simplificadas já existentes na sociedade e especialmente em hábitos.

A criação de hábitos pode ser relacionada a um contexto voltado à alimentação, à leitura, ao uso de equipamentos tecnológicos, exercícios físicos, ao simples uso do cinto de segurança no veículo e, em especial às decisões financeiras de consumo e investimento que serão o enfoque desenvolvido nesse texto.

Verplanken (2006) afirma que a formação de hábitos está associada com o desenvolvimento de expectativas sobre o comportamento e desempenho do meio em que um indivíduo vive. Dessa forma, o consumo e as finanças pessoais de um indivíduo podem estar diretamente ligados aos hábitos construídos por este no decorrer de sua vida.

Sendo então o hábito um forte fator de influência no processo decisório, surgem alguns questionamentos. Em quais momentos os hábitos influenciam ou prejudicam o consumo de um indivíduo? Quais seriam as intervenções para melhoria dos hábitos já obtidos? Se existem intervenções para corrigir hábitos ruins, existe também a prevenção através da construção de bons hábitos? Há uma idade específica que maximiza a manutenção de hábitos? Esse trabalho buscará apresentar respostas a essas perguntas através da revisão teórica acerca da economia comportamental, tendo como base seus fundamentos e análises incluindo experimentos feitos por diversos autores desse ramo.

Partindo desse referencial teórico, analisar-se-á a eficácia da educação na criação de hábitos e de ensinamentos financeiros, constatando o que teria a educação financeira escolar a contribuir para o desenvolvimento do indivíduo como agente econômico, e a possibilidade desta, em proporcionar impactos

significativos na situação financeira da população no futuro. O economista estadunidense Schultz (1973, p. 121) escreveu em seu livro:

“Quando os jovens entram na força do trabalho apresentam-se com uma carga maior de educação do que as pessoas idosas que se aposentam, o valor do estoque de educação na força de trabalho subirá, ainda que não haja qualquer alteração no número de trabalhadores.”

Fazendo uma pequena releitura dessa frase do autor, seria a educação financeira voltada para crianças em idade escolar, um possível estoque de conhecimento que pode ser utilizado por elas quando se tornarem adultas? Poderia esse estoque maximizar a eficiência de suas decisões?

A metodologia do trabalho será apresentada em seções, sendo a primeira a discorrer sobre a bibliografia encontrada com base na economia comportamental e em especialistas da área de ensinamentos financeiros voltados a crianças e adolescentes. O primeiro item na seção, se refere ao comportamento financeiro do brasileiro, oferecendo dados obtidos através de pesquisas do Serasa e dados do IBGE. O segundo, apresentará uma abordagem a Economia Comportamental, cuja teoria será considerada no desenvolvimento do trabalho. Nas seguintes seções, será feita uma abordagem em torno da educação infantil, inclusive da educação financeira, apresentando o motivo do investimento em crianças ser o enfoque desse texto, fazendo menção aos hábitos que elas desenvolvem durante o aprendizado. O último item da seção, apresentará o tema de alfabetização financeira, muito utilizado atualmente para se referir ao desenvolvimento da educação financeira, que pôde ser mensurada através de exames do PISA aplicados em escolas. A terceira seção, implicará na pesquisa de campo e a apresentação do desenvolvimento do questionário. A quarta seção apresentará os resultados obtidos nos questionários, e a sugestão da continuidade da pesquisa. Por fim, serão apresentados na quinta e última seção, as conclusões obtidas através da revisão teórica e método aplicado.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura foi feita com base em estudos da área de economia comportamental com enfoque ao tema educação financeira aplicada às crianças. Apresenta também um relevante fator de influência no comportamento financeiro de uma pessoa, em suma, a criação de hábitos.

### 2.1 O COMPORTAMENTO FINANCEIRO DO BRASILEIRO

O Serasa apresentou pela primeira vez em 2013, em parceria com o IBOPE Inteligência, o Indicador de Educação Financeira do Consumidor - INDEF. Através de entrevistas com pessoas acima de 16 anos de idade, o indicador analisa o consumidor brasileiro em três diferentes aspectos: o conhecimento, a atitude e o comportamento. Esses três aspectos contribuem com pesos diferentes, onde o comportamento participa com 50%, a atitude com 24% e o conhecimento com 26%. Em uma escala de 0 a 10, a nota obtida pela população brasileira no que se refere ao conhecimento financeiro pessoal, foi de 6,2 nas duas últimas pesquisas, que ocorreram no ano de 2015 e 2017.

A metodologia utilizada para a obtenção desse indicador dá-se a partir de entrevistas que em 2017 foram feitas nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Paraná, Pará e Distrito Federal. Ela considera dentro do aspecto de comportamento as ações financeiras no que se refere a poupar, planejar ou gastar mais que a renda obtida. O aspecto atitude avalia o conhecimento que o entrevistado possui sobre conceitos financeiros gerais, e por fim o aspecto conhecimento considera a visão do entrevistado sobre sua própria relação com o dinheiro.

A partir dos resultados gerais, é feita uma subdivisão analisando o perfil do brasileiro em diversos aspectos como gênero, idade, escolaridade, renda, classe social, moradia, formação de poupança, decisões financeiras e inclusive o chamado stress financeiro<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Teste criado pelo Serasa Experian e o Ambulatório de Transtornos do Impulso do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo para ajudar a identificar até que ponto as dívidas atrasadas contribuem para a perda de qualidade de vida e afetam o estado emocional de uma pessoa.

O Indicador de Educação Financeira busca entender a realidade do brasileiro e com isso desenvolver estratégias juntamente a órgãos públicos e privados, com o intuito de gerar nas pessoas uma melhor relação com o dinheiro. Sendo assim, a situação social que envolve a maior parte da população brasileira, é um dos aspectos mais influentes para a construção desse índice.

Cerca de 25,4% da população vive na linha de pobreza e têm renda familiar equivalente a US\$ 5,5 por dia, valor assumido pelo Banco Mundial para definir se uma pessoa é pobre. Os dados foram divulgados em dezembro de 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) e fazem parte da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais 2017. Ela indica também, que o maior índice de pobreza se dá na Região Nordeste do país, onde 43,5% da população se enquadra nessa situação. O menor índice está no Sul do país, de 12,3%. Esses índices podem ser interligados às pesquisas obtidas no quesito educação, que demonstram que o Sul se destaca positivamente como a região com o maior percentual de pessoas alfabetizadas.

QUADRO 1 – TAXA DE ANALFABETISMO DE PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS IDADE

REGIÃO	%
NORTE	8
SUDESTE	4,3
CENTRO-OESTE	5,7
NORDESTE	16,2
SUL	4,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas – DPE (2015).

Contudo, não se pode afirmar que a educação padrão oferecida nas escolas garante boas escolhas financeiras a um indivíduo. Kiyosaki e Lechter (1997) afirmam que os estudantes muitas vezes obtêm sucesso em suas profissões ao saírem das escolas, porém acabam se deparando com dificuldades para lidar com o dinheiro, pois não adquiriram habilidades financeiras enquanto estudantes. Mesmo formados, muitas pessoas podem ter o chamado analfabetismo financeiro, que será melhor esclarecido no decorrer do trabalho.

Analfabetismo, tanto de palavras quanto de números, é a base das dificuldades financeiras. Se as pessoas tem problemas com as finanças, existem dados que elas não podem ler, sejam palavras, sejam números. Alguma coisa não está sendo compreendida. (KIYOSAKI, 1997, p.65).

A respeito do índice pobreza encontrado pelo Banco Mundial, Mullainathan (2006) em observância a países mais carentes, apresentou sua compreensão de que indivíduos em situação de pobreza possuem as mesmas dificuldades, como falta de autocontrole e a racionalidade limitada, que outros indivíduos que se encontram em outras classes sociais, porém, por estarem em ambiente de escassez, como é o caso de muitos brasileiros, os resultados de escolhas ótimas podem ser consideravelmente prejudicadas.

A 4ª edição do INDEF referente a 2017, mostrou que o brasileiro possui certo conhecimento a respeito de suas finanças, porém, não os utiliza na mesma proporção. O consumo das famílias, em geral, é maior que o ganho mensal destas, resultando no aumento do número de inadimplentes cadastrados com superendividamento<sup>2</sup> no Brasil. O Serasa afirma que em novembro desse mesmo ano, 61,1 milhões de pessoas estavam com dívidas no país, dentre essas, 37% fizeram cortes no orçamento, 23% tentaram uma renda extra, 11% atrasaram ou deixaram de pagar alguma dívida, 10% fizeram empréstimos informais e em torno de 7% renegociaram suas dívidas.

Dentre todas as possíveis causas de endividamento, está o aumento da demanda do consumidor por crédito. Segundo o INDEF 2017, 62% das pessoas entrevistadas afirmaram que suas despesas foram maiores que seus rendimentos ao menos uma vez no ano, esse fato torna muito comum o uso do pagamento financiado no país, ou o famoso parcelamento, que resulta da atitude do consumidor ao optar pelo prazer de adiantar o consumo e não ter o hábito de procrastinar a compra de um bem desejado.

A tabela a seguir mostra a demanda por crédito por parte dos consumidores que possuem renda pessoal mensal a partir de R\$500,00 até R\$10.000,00 ou mais.

---

<sup>2</sup> O termo superendividamento vem da tradução de *surendettement*. O Brasil se baseou na definição da legislação francesa, que apresenta o termo como “a impossibilidade manifesta para o devedor de boa-fé de honrar o conjunto de suas dívidas não profissionais, exigíveis e vincendas”. (NETO, 2009, p. 169)

O indicador é apresentado pelo Serasa mensalmente e analisa uma amostra de aproximadamente 11,5 milhões de CPF's (Cadastros de Pessoas Físicas) apresentando uma média transformada em número índice. No ano de 2008 a média obtida em número índice foi de 100, dessa forma percebe-se que a procura do brasileiro por meios de obtenção de crédito tem tido um aumento significativo desde então, considerando uma pequena variação entre os meses apresentados no ano de 2018.

QUADRO 2- INDICADOR SERASA DE DEMANDA DO CONSUMIDOR POR CRÉDITO

MÊS	MÉDIA DAS REGIÕES DO BRASIL
JAN-2018	145,5
FEV-2018	126,3
MAR-2018	142,9

FONTE: ISEDEC-CONSUMIDOR (2018).

A obtenção de crédito, nada mais é que postergar ou dividir o valor da compra em pagamentos mensais, o que nem sempre é vantajoso. Isso leva o indivíduo a crer em primeira instância que o bem é proporcional ao rendimento que se obtém. Dessa forma, é gerado um acúmulo de produtos financiados mensalmente que ocupam grande parte da remuneração dos indivíduos.

Em uma matéria sobre parcelamento, o inglês Roger Darashah, especialista em tecnologia, afirma que o pagamento financiado de um bem é um hábito essencialmente brasileiro utilizado em compras de grande ou pequeno valor, o que se transformou em um “vício”, pois muitas vezes é utilizado sem precisão (DARASHAH, 2015).

Analisando esse perfil procrastinador, pode-se supor que investimentos não são muito comuns entre os brasileiros. Uma pesquisa feita pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) mostrou essa realidade. Pellizzaro (2017), presidente do SPC, afirmou que o consumidor local não tem costume de poupar dinheiro e quando o faz, é para utilizar em mais consumo, não para investimentos.

O resultado analisado na 5ª edição da Série Cidadania Financeira, desenvolvido para o Banco Central, também feito pelo Serasa Experian em parceria com o Ibope, apresentou que a falta de hábito de poupança atinge todas as faixas etárias, principalmente nas faixas de renda inferiores. Em geral, 69%



das pessoas entrevistadas no desenvolvimento da pesquisa, não pouparam nenhuma parte da renda recebida nos últimos 12 meses (BACEN, 2015).

Tendo em vista os dados apresentados acerca do comportamento financeiro do brasileiro, analisar-se-ão as possíveis estratégias já apresentadas por alguns autores para a melhoria do conhecimento dos brasileiros sobre assuntos financeiros.

## 2.2 UMA ABORDAGEM A ECONOMIA COMPORTAMENTAL

A economia comportamental abrange importantes áreas da psicologia, da neurociência e da sociologia. Ela sugere uma abordagem que vai além da racionalidade considerada pelos modelos da economia tradicional, que afirma que os indivíduos sempre fazem compensações corretas a curto e longo prazo. Ela leva em consideração as preferências dos indivíduos, que são alternativas, mudam constantemente e nem sempre escolhidas consoante às restrições orçamentárias.

No que se refere à economia tradicional, pode-se assumir que ela possui dois principais ramos: a microeconomia e a macroeconomia, tratando do comportamento dos agentes individuais e agentes agregados, respectivamente. Ela busca explicar como e por que os agentes econômicos tomam suas decisões econômicas por meio do comportamento e da interação observada entre eles, sejam empresas, consumidores, trabalhadores, investidores ou proprietários de terra (PINDYCK, 2006).

Os mais tradicionais manuais de microeconomia apresentam o comportamento do agente econômico enquanto consumidor, examinando essencialmente suas preferências, restrições orçamentárias e suas escolhas. Quais cestas consumir, o quanto consumir e como fazer com que as escolhas sejam otimizadas, por exemplo, são a base do modelo econômico geral.

Usa-se o termo "cesta de mercado" para os diferentes bens e serviços disponíveis, com quantidades e preço específicos. Os modelos criados para analisar o comportamento do consumidor são baseados em premissas bastante simplificadoras. O primeiro axioma considerado é o da integralidade, que afirma que as preferências são completas, ou seja, que os consumidores podem comparar e ordenar todas as cestas de mercado. O segundo afirma que todas as

preferências são transitivas que indica qual combinação de bens é preferível em relação a outra, e por fim, presume-se que todas as mercadorias são desejáveis, na qual considera-se que os produtos são bons e informa a direção do aumento da utilidade desejada.

Existe também a chamada curva de indiferença que representa todas as combinações de cestas de mercado, estas que consideravelmente geram o mesmo nível de satisfação para um consumidor, sendo juntamente com os axiomas de preferência, o que constitui a base da teoria do consumidor.

Dessa forma, segundo o pensamento tradicional, os consumidores sempre fazem escolhas racionais e suas decisões sempre levam a combinações de bens e serviços que são capazes de maximizar o nível de satisfação obtido. Porém, no mundo moderno, a irracionalidade no consumo é um comportamento frequentemente identificado nos agentes, o que tornou o estudo da economia comportamental cada vez mais necessário.

Mullainathan (2006) apresentou um exemplo comparativo a respeito da visão da economia tradicional e a comportamental. Foi exemplificada a orientação da colocação de novos produtos em uma prateleira de supermercado. Os economistas tradicionais optariam por diminuir o preço destes, para que dessa forma obtivessem a atenção dos compradores em primazia. Já a economia comportamental, direcionaria o supermercado a colocar o novo produto na direção dos olhos dos compradores.

Claramente é percebido que a economia comportamental leva em consideração não somente o amplo campo de estudo da ciência econômica em si, mas vai além, captando uma visão alternativa em relação às pessoas. Englobando os interesses pessoais, influências psicológicas, emocionais, conscientes e inconscientes que afetam o ser humano em suas escolhas. Dessa forma, são feitas análises com base em métodos experimentais, que são a principal ferramenta utilizada pela disciplina.

O processo de decisão de um indivíduo ocorre basicamente através de hábitos, experiências pessoais e regras simplificadas e, muitas vezes, por meio de decisões da massa da população no momento mediante o contato com propagandas e campanhas da mídia, que produzem grande influência no parecer das pessoas no que se refere ao consumo (VERPLANKEN, 2006).

Estudos recentes demonstram o quanto é real a dificuldade de se alterar

hábitos e comportamentos nos indivíduos, desde os relacionados à alimentação, atividades físicas, consumo de certas marcas de produtos até os que dizem respeito às decisões financeiras, como poupar, investir e procrastinar a obtenção de algum bem. Todos os dias comportamentos são repetidos inconscientemente. Alguns deles são pequenas ações que não causam impactos significantes na vida de uma pessoa, porém, alguns ao se tornarem parte de um padrão de comportamento, refletem negativamente no futuro do indivíduo (VERPLANKEN; WOOD, 2006).

Você sabe, “disse ele,” as vezes parece ser assim. Lá estou em pé às margens de um rio de forte correnteza, e ouço o choro de um homem se afogando. Então eu pulo no rio, coloco meus braços ao redor dele, puxo-o para à margem do rio e aplico respiração artificial. Assim que ele começa a respirar, há outro grito por socorro. Então, eu pulo no rio, alcanço ele, o puxo até a costa e aplico a respiração artificial, e então quando ele começa a respirar, outro grito por socorro. Eu volto para o rio novamente, chegando até ele, o levando até às margens, aplicando a respiração, e ele voltando a respirar e então outro grito. De novo e de novo, sem ter fim, repetindo a sequência. Você sabe, e estou tão ocupado pulando no rio, trazendo eles para terra firme, e aplicando a respiração artificial, que eu não tive tempo de ver o que estava os empurrando rio acima. (MCKINLAY, 1975, tradução nossa).<sup>3</sup>

Essa ilustração em anedota se refere aos hábitos desfavoráveis que, por vezes, são fortemente continuados mesmo sendo tão claro onde interrompê-los ou como interrompê-los.

Os hábitos podem ser notáveis não somente em adultos que já possuem autonomia em suas decisões, mas também em crianças que adquirem hábitos conforme os padrões de comportamento que percebem ao seu redor. Em uma matéria sobre formação de hábitos em crianças, pode-se entender que elas possuem muita facilidade em criar hábitos quando vistos em pessoas que elas conhecem (KOCH; NAFZIGER; NIELSEN, 2015).

---

<sup>3</sup> You know,” he said, “sometimes it feels like this. There I am standing by the shore of a swiftly flowing river, and I hear the cry of a drowning man. So I jump into the river, put my arms around him, pull him to shore and apply artificial respiration. Just when he begins to breathe, there is another cry for help. So I jump into the river, reach him, pull him to shore, apply artificial respiration, and then just as he begins to breathe, another cry for help. So back in the river again, reaching, pulling, applying, breathing and then another yell. Again and again, without end, goes the sequence. You know, I am so busy jumping in, pulling them to shore, applying artificial respiration, that I have no time to see who the hell is upstream pushing them all in.

Entendendo isso, a economia comportamental busca meios de compreender a forma com que esses hábitos são gerados e mantidos nas pessoas, não sendo suficiente somente identificá-los e constatar sua existência, mas também a sua origem. Um dos seus principais alvos de investigações empíricas está relacionado a entender o que se pensa em momentos de decisões, escolhas e investimentos. Tais estudos se propõem a facilitar a percepção dos indivíduos em relação aos riscos econômicos aos quais estão sujeitos.

### 2.3 POR QUÊ CRIANÇAS?

Dan Ariely, professor de psicologia e economia comportamental da Duke University, dos Estados Unidos, em uma entrevista a Brasil Econômico, afirmou não acreditar em educação financeira. Ele afirmou que “é muito difícil ensinar as pessoas a lidar melhor com o dinheiro e se comportar melhor. É muito mais fácil dar melhores ferramentas para as pessoas” (LADEIA, 2014).

Segundo ele, o ato de consumo das pessoas, é fortemente influenciado pela situação emocional em que se encontram no momento ou pelas influências sociais que uma pessoa tem. Por isso, impulsos são difíceis de serem controlados.

Visto por outro lado, Verplanken e Wood (2006), apresentam características sobre os hábitos em adultos. Eles apresentaram duas possíveis formas de intervenções no que diz respeito aos hábitos. Uma delas é chamada de *downstream- plus*, que em português compreende-se pela expressão “rio abaixo”. Pode-se caracterizá-la como uma certa ajuda para aliviar os resultados negativos já causados por alguns hábitos. Ela busca informações sobre pontos onde os hábitos são vulneráveis a mudanças. A outra é chamada de *upstream*, que significa “rio acima”. Essa forma de intervenção é como um método de prevenção, onde são estabelecidos novos hábitos e estes, mantidos com o passar do tempo.

A formação de hábitos está associada com o desenvolvimento de expectativas sobre o desempenho do meio em que um indivíduo vive. Contudo, as expectativas de pessoas com fortes hábitos, diminuem o efeito de novas informações ou estímulos do ambiente. Por exemplo, diariamente os jornais incentivam uma boa alimentação, o uso de transporte público e até mesmo

desestimulam o uso do cigarro. Entretanto, as pessoas continuam a fumar, continuam consumindo alimentos não saudáveis, continuam a utilizar meios particulares de transporte.

Verplanken (2006) explica que os hábitos exigem o mínimo de consciência, requerem um controle regulamentar para que se mantenham, pois apenas intenções não são suficientes pra prever o desempenho de pessoas com hábitos já enraizados. Segundo ele, os hábitos surgem naturalmente e com muita facilidade quando se muda de casa, com novos lugares de móveis e objetos. A readaptação é automática.

A percepção durante a infância é diferente da percepção de um indivíduo na fase adulta. O ensinamento pode ser absorvido de melhor maneira por uma criança, livre de conceitos, métodos e vícios. Ensinar algo a uma criança é como colocar móveis novos na casa, a adaptação é bem-vinda (Verplanken, 2006).

Em um de seus livros, Gustavo Cerbasi explica que as crianças podem ter um futuro bem mais próspero se receberem orientações adequadas no momento oportuno. É feita a seguinte afirmação: “deixar herança para os filhos não é deixar um monte de dinheiro, mas ensiná-los a competência para cuidarem de seus próprios recursos” (CERBASI, 2006, p. 16).

Já adulto tive dificuldade em explicar isso a outros adultos. Por quê? Porque os adultos são mais espertos. Na maioria dos casos, a simplicidade da ideia escapa aos adultos porque eles foram educados de maneira diferente. Eles foram educados por outros profissionais instruídos, como banqueiros, contadores, agentes imobiliários, planejadores financeiros e assim por diante. A dificuldade está em levar os adultos a desaprender, ou a tornar-se outra vez criança. Um adulto inteligente frequentemente se sente diminuído ao prestar atenção em definições simplistas. (KIYOSAKI; LECHTER, p.54)

Por esse motivo observa-se a importância da criação de hábitos em crianças. Em algumas fases da infância, não existem hábitos a serem quebrados, ou efeitos negativos a serem remediados (*downstream*). A infância proporciona maior facilidade de adaptação e é a fase onde a prevenção de maus hábitos possui maior eficácia (*upstream*).

## 2.4 HÁBITOS E CRIANÇAS

Segundo o dicionário, o termo hábito é considerado como a disposição para certo ato adquirida por sua frequente repetição (XIMENES, 2001, p. 454), é

como um exercício duradouro adquirido pela repetição frequente de um ato, uso ou costume. Em geral, são essencialmente padrões de comportamento que acabam se tornando parte do que as pessoas são. São necessários vinte e um dias para a criação de um hábito, pois esse é o tempo que o cérebro precisa para se adaptar a uma mudança (LOEWENSTEIN; PRICE; VOLPP, 2016).

Money Advice Service é uma organização estabelecida juntamente com o governo europeu, localizada especificamente no Reino Unido, que busca auxiliar as pessoas em suas finanças pessoais e proporcionar conhecimento nessa área. Um dos artigos divulgados por ela apresentou um estudo sobre a formação de hábitos e o aprendizado em crianças mostrando que para proporcionar ajuda sobre como administrar melhor as finanças é preciso ter conhecimento sobre a formação hábitos, que podem causar grandes impactos na capacidade financeira de uma pessoa no decorrer de sua vida (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

O texto mostra uma visão ampliada dessa definição, se referindo a hábitos como processos, tendências e disposições em que as crianças se envolvem nos eventos e desafios do seu cotidiano. Sua estrutura se divide em três partes. A primeira apresenta a forma como as crianças aprendem e se desenvolvem, a segunda parte fala sobre as influências que são relevantes no desenvolvimento do comportamento de uma criança, e por fim, a terceira apresenta qual a forma que os pais, professores ou cuidadores podem encorajar hábitos positivos e o autocontrole para dar suporte ao conhecimento financeiro adquirido por elas.

Considerando os apontamentos feitos nesse texto, o processo de aprendizado de uma criança pode ocorrer basicamente através de três maneiras: imitação, indução e motivação.

A imitação ocorre principalmente em crianças menores, no momento em que desenvolvem a capacidade de fazer comparações, quando passam a perceber a diferença de suas próprias ações em relação a ações de outras pessoas. O aprendizado surge então através da observação dessas ações e comportamentos alheios, principalmente daqueles que fazem parte de sua convivência e que representam um papel importante na vida e cotidiano da criança.

Em seguida, considera-se o aprendizado através do processo indutivo que ocorre na forma pela qual as crianças desenvolvem a linguagem ou dialeto,

por exemplo. Ao iniciar a fala, a criança demonstra que possui uma gradativa habilidade de lembrar o passado e planejar o futuro. Esse processo é caracterizado e se desenvolve por repetição e continuidade de ações, palavras e tarefas.

Essas duas primeiras maneiras apresentadas são mais eficientes até mesmo em comparação com o aprendizado através de um ensinamento específico, pois ocorrem através de exemplos práticos, obtidos com mais facilidade pelas crianças quando vistos em pessoas de seu conhecimento.

A partir de sete anos de idade, a criança passa a ter a capacidade de aprender sozinha. É nessa fase que entra o outro modo de aprendizado em questão, a motivação. A ajuda dos adultos é de extrema necessidade para que os bons hábitos sejam mantidos, os maus impulsos inibidos e para que as situações consideradas problemáticas aos olhos delas sejam resolvidas (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

Na fase motivacional, necessariamente entra o uso de pequenos incentivos ou recompensas durante um tempo em especial, até que esse caminho implique em mudanças efetivas no comportamento ou gere hábitos que persistam quando benefícios extras já não são oferecidos. Depois de pelo menos três anos de idade, a criança pode desenvolver a habilidade de escolha entre uma pequena recompensa no momento, ou uma grande recompensa mais tarde (assimilação de tempo).

Através dos métodos de aprendizado mencionados até aqui, percebe-se que as crianças constroem um banco de informações e conhecimento, o que é chamado pela psicologia como processo cognitivo. Nesse processo, as crianças são influenciadas a aplicar todo o aprendizado adquirido, mas também controlá-los, identificando o momento correto para certas coisas, como utilizar cada palavra em uma frase completa. É nesse momento em que se pode assimilar a criação de hábitos ao conhecimento já obtido por elas e assim entender que a aquisição de conhecimento depende das experiências e meio onde se vive.

Para que se possa notar isso na prática, considerar-se-ão os estudos relacionados aos hábitos e costumes alimentares de um indivíduo.

Loewenstein, Price e Volpp (2016) em uma matéria também sobre a formação de hábitos em crianças, apresentou um estudo de caso onde foram envolvidas quarenta escolas do estado de Utah, nos Estados Unidos. Nesse

estudo, foi implementado um programa de incentivo durante um período de três a cinco semanas onde as crianças (alunos) recebiam uma recompensa ou prêmio especial ao consumir frutas e legumes. Foram analisados os resultados durante o período com recompensas, e durante o período já sem recompensas.

Obteve-se o seguinte resultado: as crianças com pais ou familiares participando da inclusão de frutas e legumes no cotidiano em seus lares, além dos incentivos recebidos na escola, tinham melhor desempenho e permaneciam por mais tempo com o hábito. Por outro lado, crianças que só recebiam a recompensa e ingeriam frutas e legumes apenas na escola, tinham menor desempenho.

Pode-se perceber que o uso de incentivos é bastante eficaz, porém, no caso das crianças, para que um hábito seja mantido, faz-se necessário o método completo de aprendizado, que ocorre através dos três meios mencionados: imitação, indução e motivação. Essa realidade torna incontestável a importância da participação dos pais no desenvolvimento das crianças.

Sendo assim, cabe aos adultos proporcionar as primeiras experiências observadas pelas crianças entendendo que é um investimento com resultados de longo prazo, pois elas tendem a imitar e reproduzir aquilo que seus sentidos conseguem captar, sejam manias, comportamentos ou hábitos.

#### 2.4.1 Abordagem Financeira

Entendendo o quanto os hábitos gerados enquanto crianças influenciam a vida futura de uma pessoa e que as decisões financeiras estão diretamente ligadas a um padrão de comportamento, pode-se fazer uma análise com enfoque infantil a respeito de hábitos e finanças.

As tomadas de decisão em relação a finanças pessoais são resultados do conhecimento econômico e financeiro formado em um indivíduo, e esse conhecimento pode ter melhor resultado, se obtido desde o início da formação intelectual de uma criança. “Seria bem mais fácil construir riqueza se começássemos cedo... começar cedo e da forma correta pode diferenciar um milionário de um endividado.” (CERBASI, 2006, p.15).

Godfrey (1994), especialista reconhecida em administração financeira, fala em seu livro que como mãe de dois filhos pequenos, percebeu a falta de



ensinamentos com abordagens econômicas, como o uso do dinheiro e a consciência financeira para as crianças. Segundo ela, muitas crianças crescem sem saber quase nada sobre dinheiro, mesmo sendo esse um conhecimento que todos devem usar no dia a dia.

Todos os dias as crianças são expostas a diversos tipos de comerciais, divulgações e propagandas através da mídia. São atraídas pela vontade de também possuir o que as outras crianças de seu convívio possuem. Isso faz com que elas tenham desejos impulsivos para certos brinquedos, doces, novos equipamentos eletrônicos e etc. Apesar de já obterem conhecimento com autonomia aos sete anos, como comentado anteriormente, nessa idade ainda não diferem os luxos de necessidades. Portanto, elas devem ser ensinadas sobre a realidade familiar particular e devem aprender certas atitudes relacionadas ao dinheiro, sua importância e destinação prioritária (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

Pais, familiares e professores podem encorajar e instigar comportamentos do tipo “guardar dinheiro em um cofrinho”, para gerar a percepção de tempo e valor dos produtos desejados. Para aqueles que já estão em idade escolar, pode-se explicar como os juros tornam uma dívida mais cara ou podem fazer crescer um investimento. E como em todo o ensinamento direcionado às crianças, tornar esse assunto interessante para elas é essencial (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

É de extrema importância que haja certa socialização financeira familiar, onde os pais as incluem em hábitos cotidianos como compras no supermercado, pagamentos de boletos nos bancos ou na internet, preenchimento de cheques ou uma simples contagem do dinheiro dos cofrinhos. Dessa forma, ao participar de pequenas atividades como essas, a criança desenvolve o entendimento e principalmente o interesse econômico e financeiro.

Aos sete anos, o comportamento financeiro pode ser normalmente desenvolvido, já existe entendimento de valor. Mas mesmo menores, através da socialização, já se pode incentivar o interesse por esse assunto nas crianças. O aprendizado ocorre, como dito anteriormente, através de observações (imitação), instruções (indução) e prática (motivação).

As crianças economizam e criam seus “cofrinhos” muitas vezes, não porque entendem os benefícios de se poupar em longo prazo, mas porque

gostam de fazer coisas de adultos (imitação). O que mais uma vez confirma que a socialização familiar pode ser a grande responsável para que o aprendizado financeiro seja bem-sucedido (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

Em relação ao ambiente escolar, percebe-se o quanto a relação aluno-professor também afeta a motivação de aprendizado. Um bom relacionamento pode influenciar grande parte do desempenho de uma criança em novas atividades, tarefas, socialização e desafios (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

Sendo assim, pode-se entender que o ensino para se criar hábitos em uma criança, por si só, é insuficiente. É necessário que haja uma rotina de práticas observadas por elas, onde elas tenham uma pequena participação. Escola e família devem caminhar sintonia nesse processo de aprendizado da criança.

A intenção da formação de bons hábitos em termos econômicos nas crianças, não significa instigar nelas o desejo de riqueza ou grandeza, mas sim, formar hábitos que as tornem adultos que saibam lidar com o dinheiro, planejar os gastos dentro do orçamento disponível, ficar longe de dívidas e outras questões dessa natureza, com início em pequenas ações.

## 2.5 ECONOMIA COMPORTAMENTAL E A EDUCAÇÃO

O economista estadunidense Theodore W. Schultz (1902-1998) desenvolveu em seu livro a Teoria do Capital Humano (1960) com a qual obteve o Prêmio Nobel de Economia no ano de 1979. Schultz afirma que boa parte daquilo que a sociedade considera como consumo, na verdade é investimento, e que o investimento no homem pode ser realizado através de um aprendizado. Dessa forma, ele trata a educação como investimento e suas consequências como uma forma de capital, mostrando que há um grande vínculo entre o capital humano e o desenvolvimento econômico. É feita uma associação entre renda e anos de educação, na qual Schultz diz ser algo difícil de se comprovar porém, uma relação facilmente encontrada nos aumentos da renda nacional nos Estados Unidos no momento em que escreveu o livro. Esses aumentos que não puderam ser explicados são então considerados provenientes da formação desta espécie de capital. Ao tratar educação como investimento, Schultz considera a existência do chamado estoque de educação e afirma que é necessária “uma abordagem

que trate do investimento na educação como meio de melhorar a qualidade do agente humano...” (SHULTZ, 1960, p.151)

Os autores Lavecchia, Liu e Oreopoulos (2015) trataram a educação como um caminho relativamente novo para a economia comportamental, mas demonstraram através de suas pesquisas que, assim como Shultz, ela também considera a educação como um investimento. Eles apresentaram uma análise obtida com os resultados de experimentos e investigações empíricas que foram feitas por diversos pesquisadores, no que diz respeito a economia comportamental voltada à educação.

Eles afirmam que o desenvolvimento do cérebro altera as preferências de um indivíduo, e visto que o aprendizado é cumulativo, faz-se necessário tratar a educação como um investimento, principalmente nos primeiros anos, pois o resultado pode gerar grande impacto a longo prazo. Apontam que as preferências se alteram conforme a idade e que as crianças e adolescentes pouco utilizam o tempo da idade escolar pensando no futuro, diferentemente de quando se tornam adultos, que o fazem com maior frequência.

Os adolescentes são, em especial, mais suscetíveis a superenfatizar o presente, pois seu sistema límbico<sup>4</sup> é mais desenvolvido e é altamente sensível a recompensas sociais e monetárias. Do mesmo modo, muitos neurocientistas acreditam que o desenvolvimento rápido do sistema límbico contribui para o prazer obtido em comportamentos que oferecem risco (LAVECCHIA; LIU; OREOPOULOS, 2015).

Os autores defendem que a educação é um ambiente altamente frutífero onde os pesquisadores podem identificar as origens dos possíveis desvios do comportamento humano no modelos tradicionais, e assim explica-los. A educação é considerada um campo em desenvolvimento da economia comportamental, e procura integrar pesquisas nas áreas de psicologia, neurociência e sociologia, a fim de propor intervenções para ajudar as pessoas a equilibrar custos e benefícios imediatos, a reduzir hábitos impensados e escolhas precipitadas, gerando outros novos hábitos baseados no conhecimento.

---

<sup>4</sup> O sistema límbico é o conjunto de estruturas envolvidas nos processos emocionais, compreende a área do meio do cérebro que registra desejos de recompensas imediatas e prazer. É a unidade responsável pelas emoções e comportamentos sociais.

Enquanto a economia tradicional assume que os indivíduos sempre fazem trade-offs<sup>5</sup> corretamente, a economia comportamental considera possíveis desvios causados pelas preferências do momento, que podem causar resultados indesejados. Ela não tem como finalidade rejeitar os modelos intertemporais de escolha da economia tradicional, mas enriquecê-los agregando considerações mais realistas, que levam a diferenças profundas nas ações previstas pelos indivíduos (LAVECCHIA; LIU; OREOPOULOS, 2015, p.4).

Para a discussão apresentada no artigo, foram consideradas quatro implicações das barreiras existentes em tratar a educação como investimento, tendo como principal referência crianças e adolescentes em idade escolar:

- a) alguns estudantes mantêm o foco apenas no presente;
- b) dependência de uma rotina para orientá-los;
- c) expectativas negativas referentes a sua própria identidade;
- d) eles possuem muitas opções, porém, pouca informação.

Cada uma dessas barreiras identificadas podem resultar em grandes erros nas percepções financeiras de um indivíduo. Por esse motivo, é primordial a abordagem comportamental para aprofundar a compreensão do processo decisório em sua complexidade, tornando a análise do investimento na educação, o que é chamado por alguns economistas de "investimento bem pensado", um dos grandes focos da economia comportamental atualmente.

Cerbasi (2006) faz um questionamento a respeito da participação das escolas na educação das crianças, e afirma que as escolas não instigam no aluno um interesse por assuntos financeiros, pois pouco é falado a respeito.

O fato é que, ao menos indiretamente, o currículo escolar tem como objetivo preparar cidadãos para a vida. Ou ao menos deveria ter. mas nosso arcaico currículo elaborado há décadas esqueceu-se de levar em consideração que o pobre trabalhador que cresceu numa economia também pobre precisa saber tanto sobre as armadilhas dos juros dos crediários quanto sobre os métodos para extrair as raízes de uma equação de terceiro grau. (CERBASI, 2006, p.34)

---

<sup>5</sup> O ato de escolher uma coisa em detrimento de outra e muitas vezes é traduzida como "perde-e-ganha".

Além de observar o papel das escolas, ele defende fortemente a importância do papel dos pais na educação financeira de seus filhos, como já foi apresentado em sessões anteriores do trabalho.

Através de visitas a escolas, ele constatou que certas instituições tem valorizado e buscado aplicar conteúdos de educação financeira. É comum alguns tipos de palestras, debates e bate-papos com as crianças, porém, por não terem a disciplina como parte do currículo escolar básico, as escolas não proporcionam profundidade no assunto.

Por fim, pode-se fazer uma junção dos contextos apresentados pelos autores citados nessa sessão. Schultz (1971) afirmou que os economistas possuem certa resistência em considerar o investimento no homem. Segundo ele, o investimento que as pessoas fazem em si mesmas (saúde, educação, lazer, especializações) são muito grandes, e a educação se torna parte de quem elas são, fazendo a afirmação de que elas são parte importante da riqueza das nações. Depois de algumas décadas, com o aperfeiçoamento da ciência econômica e com a abordagem da economia comportamental envolvida, economistas continuam afirmando que em geral, as pessoas investem pouco em educação, e não a veem como investimento (KOCH; NAFZIGER; NIELSEN, 2015).

Atualmente são utilizados pelos economistas, termos como “alfabetização financeira” para prosseguir defendendo que a educação é um investimento primordial no ser humano, que pode proporcionar grandes benefícios ao longo de sua vida como agente econômico. Sobre educação, Aristóteles trouxe seu pensamento: “As raízes da educação são amargas, mas o fruto é doce” (ARISTÓTELES, apud LAVECCHIA, 2015, p.2).

## 2.6 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Segundo a UNESCO o analfabetismo se refere a incapacidade de uma pessoa para compreender ou, como no caso do analfabetismo funcional, interpretar determinado texto que lhe foi dado para ser interpretado. Atualmente esse termo tem sido também muito utilizado em contextos econômicos, se referindo do mesmo modo a incapacidade de compreensão e interpretação de uma pessoa, porém especificamente ao que diz respeito a assuntos financeiros.

A Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2013) descreve a alfabetização financeira, ou a literacia financeira como apresentado por alguns autores, como uma junção de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras. Em suma, ela pode ser definida na medida em que um indivíduo pode entender e usar da melhor forma as informações relacionadas às finanças pessoais, obtendo o bem-estar financeiro individual.

O exame PISA, coordenado em geral pela OCDE, e pelo Inep no Brasil, é uma iniciativa de avaliar estudantes matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental até 15 anos de idade, que é a idade em que consideravelmente se conclui a escolaridade básica na maioria dos países. A avaliação do PISA ocorre a cada três anos e produz indicadores que contribuem para a análise da qualidade da educação nos países participantes, visando a criação de políticas para melhorias do ensino básico oferecido nas escolas. As áreas principais avaliadas abrangem os domínios da Ciência, Matemática e Leitura.

Dentre esses domínios, é compreendida a avaliação de Letramento Financeiro, que mostra a realidade do conhecimento financeiro dos alunos avaliados e, se tais alunos possuem habilidades necessárias para migrar do ensino médio ao ensino superior, ou ao emprego ou ao empreendedorismo. Os resultados do ano de 2018 ainda não foram divulgados, sendo que as provas foram aplicadas recentemente, no mês de maio. Dessa forma, será considerado o resultado da última avaliação, feita no ano de 2015, na qual participaram 35 países membros da OCDE e 35 países parceiros.

Segundo os resultados do exame, o desempenho do Brasil está bem abaixo da média dos países da OCDE e se assemelha ao desempenho médio do Peru. Apenas 2,6% dos estudantes do Brasil apresentaram bons resultados em Letramento Financeiro, o que indica que esses estudantes conseguem analisar produtos financeiros mais complexos, resolver problemas financeiros que não fazem parte de sua rotina, e demonstram uma compreensão mais ampla do cenário financeiro. Um percentual bastante baixo, considerando o fato de que todos eles são vistos como agentes econômicos e estarão à frente das mais diversas possibilidades de tomada de decisão no decorrer de sua vida. Os exemplos de questões do PISA estão em anexo 1.

Sandra J. Huston (2010) apresentou três barreiras ao desenvolvimento da literacia financeira. A primeira e mais importante, implica na falta de contextualização e definição para construir ou mensurar o alfabetismo financeiro. A maioria das pessoas ainda não possui esclarecimento a respeito desse termo, o que muitas vezes pode até limitar as análises feitas acerca dos conhecimentos nessa área. A segunda barreira se refere ao conteúdo dos instrumentos financeiros, que nem sempre são de fácil compreensão para boa parte dos estudantes, e também pela população em geral. O terceiro diz respeito especificamente a interpretação dos instrumentos financeiros. Conforme a revisão dos estudos feitos pela professora de finanças pessoais, a forma como são apresentados os dados, índices e resultados de instrumentos financeiros não inclui um guia de interpretação dessas medições, o que claramente dificulta a compreensão e a construção da literacia financeira.

Huston conceitua a alfabetização financeira em duas dimensões: compreensão e uso. A compreensão envolve o conhecimento das finanças pessoais, e o uso, sua aplicação propriamente dita. Sendo uma definição usual e direta, não contraditória a outras definições existentes.

Lusardi (2008) afirma que uma das principais razões pelas quais os indivíduos não se envolvem em planejamentos, e possuem pouca intimidade com os termos e contratos financeiros, é que eles não recebem instrução nesses assuntos. Fato considerado em seções anteriores desse trabalho, trazendo referência aos autores Whitebread e Bingham (2013), os quais afirmam que é possível despertar o interesse financeiro em uma pessoa, aluno, criança através do conhecimento acerca deste.

Segundo Huston (2010), com o desenvolvimento de instrumentos para mensurar a alfabetização financeira, como no caso apresentado nesta seção, os exames PISA, será possível determinar não somente se uma pessoa possui conhecimento sobre determinada informação, mas se ela é capaz de também aplicá-lo apropriadamente. Nesse artigo, ela afirma que o alfabetismo financeiro é um componente do capital humano que pode ser usado em atividades financeiras que aumentam a utilidade esperada de consumo.

Essa utilidade esperada é apresentada na microeconomia, quando o bem-estar é maximizado através das escolhas e preferências dos indivíduos.

Essa realidade é muito comum em modelos econômicos tradicionais, que buscam analisar o comportamento do consumidor, tendo sempre como objetivo maximizar a satisfação, ou seja a função utilidade.

Potrich, Vieira e Kirch (2014), com base em uma amostra de 1400 indivíduos maiores de 18 anos, analisaram no contexto brasileiro a influência de variáveis socioeconômicas e demográficas no nível de alfabetização financeira dos indivíduos através da estimação de um modelo estatístico.

Em uma análise geral, os estudantes encontraram um baixo nível de alfabetização financeira nos indivíduos participantes da amostra. Um fator interessante, é que as análises indicaram que a escolaridade dos pais e a ocupação não têm impacto significativo sobre a alfabetização financeira destes, porém, por outro lado, apontou as mulheres com menor índice de alfabetização financeira, e as famílias com dependentes e pessoas com menor nível de escolaridade e renda como os mais propensos a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira.

Assim como a análise feita pelos resultados dos exames PISA, a pesquisa desses estudantes observou a urgência e a necessidade do desenvolvimento de intervenções com finalidade de diminuir o problema do analfabetismo financeiro no Brasil.

A proposta apresentada pelos estudantes com base nos resultados da amostra e com base na contribuição bibliográfica de diversos autores da área, é a medida de inclusão de disciplinas de gestão financeira e de noções de finanças de mercado em todos os cursos de graduação. Além de programas educativos que promovem a alfabetização financeiras pessoal em todos os setores da sociedade, com conteúdos específicos para cada grupo populacional, ou idade.

Pode-se observar alguns programas já sendo desenvolvidos no Brasil. O Banco Central juntamente ao Governo Federal desenvolveu o ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira, que busca auxiliar a população em suas tomadas de decisão de forma mais consciente. Em Tocantins, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) teve a inclusão de conteúdos de educação financeira na matéria de matemática nas turmas de ensino fundamental, no ano de 2017. A Associação de Educação Financeira do Brasil, também tem sugerido diversos programas e projetos desenvolvidos para que as escolas e pais possam proporcionar às crianças.



Os programas de educação financeira não substituem os ensinamentos padrões já proporcionados a crianças e adolescentes em idade escolar, eles podem ser complementares (LUSARDI, 2007). A combinação destes, pode gerar nos indivíduos maior compreensão, por exemplo, de poupança, aumentando assim, iniciativas de fundos de reserva. O conhecimento é um fator de extrema importância em todos os sentidos da vida de uma pessoa, e proporcionar incentivo ao consumo consciente, a economizar, a poupar e posteriormente investir é uma alternativa bastante eficaz para o desenvolvimento econômico de um país.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a pesquisa feita com base na estrutura teórica considerada até aqui. Para observar a realidade dos conhecimentos financeiros básicos encontrados no público alvo do trabalho, aplicou-se um questionário como pesquisa de campo, e tomou-se como amostra participantes apropriados no quesito idade. Essa pesquisa pode ser tratada como complementar ao desenvolvimento do trabalho. Levando em consideração o regulamento do Comitê de Ética de Pesquisa, nomes não serão identificados.

#### 3.1 PESQUISA DE CAMPO

Uma pesquisa de campo é feita após a realização da revisão de literatura acerca de um tema específico. Ela facilita a compreensão do objetivo principal do trabalho. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.159), “os contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório são realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis”.

Pode ser executada a partir de coleta de dados conforme o tipo de investigação em questão, através de coleta documental, questionário, observação, entrevista, formulários e entre outros procedimentos (MARKONI; LAKATOS, 2003).

A pesquisa de campo pode ser classificada em três diferentes tipos. Uma delas é a pesquisa quantitativa-descritiva, que ressalta características de fatos já apresentados, verificando hipóteses através de dados. Pode ser exploratória, cujo objetivo é desenvolver novas hipóteses para pesquisas futuras e por fim, pode ser experimental, que testa uma hipótese tipo causa-efeito (MARKONI; LAKATOS, 2003).

A pesquisa atual pode ser classificada como quantitativa-descritiva, ressaltando dados e informações já esclarecidas no decorrer da revisão teórica.

#### 3.2 AMOSTRAGEM E COLETA DE DADOS

Segundo Sartoris (2003), quando se deseja conhecer algo sobre determinado grupo composto por muitos indivíduos, é inviável recorrer ao grupo como um todo, seria muito complexo. Dessa forma, para facilitar a obtenção das

informações desejadas, pode-se recorrer aos dados encontrados em uma parte desse grupo, ou seja, em uma amostra. Esse grupo é estatisticamente chamado de população. Quando a população é consideravelmente grande e a amostra é pequena, se comparada a ela, considera-se a população como infinita (SARTORIS, 2003, p 154).

A amostragem em questão é composta por elementos que possuem características similares às apresentadas no trabalho. Serão considerados como população da pesquisa de campo, os estudantes dos últimos três anos do ensino fundamental. Segundo o Censo Escolar (2016), são aproximadamente 12,2 milhões de alunos com matrículas nos anos finais do ensino fundamental no Brasil, incluindo estudantes de escola pública e privada, de sexo feminino e masculino. O percentual inclui todos os alunos, inclusive os que possuem necessidades educacionais especiais.

Como amostra desse campo, o presente trabalho considerou a participação de 50 alunos integrantes do 7º, 8º e 9 anos, ou seja, com idade entre 12 e 14 anos, de ambos os sexos, moradores da cidade de Curitiba, Paraná, estudantes de uma escola com ensino privado.

### 3.3 TÉCNICAS DE PESQUISA

Marconi e Lakatos (2003) consideram como uma das possíveis técnicas de pesquisa a observação, sendo uma técnica de coleta de dados objetivando conseguir informações relevantes ao desenvolvimento de uma pesquisa. “A observação ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.189).

Existem vários tipos de observações. Quanto ao meio considera-se observação sistemática ou assistemática. Quanto à participação do observador, considera-se observação não-participante ou participante. Quanto ao número pode ser individual ou em equipe e por fim, no quesito lugar, considera-se a observação efetuada como trabalho de campo ou a efetuada em laboratório (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.191)

Com base nos conceitos apresentados por Marconi e Lakatos (2003), a atual pesquisa pode ser considerada como sistemática, pois utiliza um instrumento para a coleta de dados, não-participante pois o pesquisador não integra-se ao grupo como um também participante. É considerada uma pesquisa de observação individual e de vida real, ou seja, a observação é feita no ambiente real, sem devida preparação e de forma individual. É também uma observação direta extensiva, a qual se realiza através de questionário.

### 3.4 QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA

O questionário é um dos mais utilizados instrumentos de coleta de dados. A classificação das perguntas pode ser dividida em três grupos: perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha.

Considerando que os elementos da amostra são alunos de ensino fundamental, buscou-se maior simplicidade e objetividade na construção das perguntas presentes no questionário, com clareza na linguagem utilizada e de fácil entendimento. Dessa forma, utilizou-se segundo a classificação, perguntas de múltipla escolha. Em geral, são perguntas de opiniões e realidade pessoais, sendo poucas delas, referentes a aspectos conceituais.

Em um primeiro momento, utilizou-se o método de entrevista de forma não estruturada, através de perguntas feitas por telefone. O entrevistado em questão, de 13 anos de idade, respondeu questões abertas de conhecimentos acerca de assuntos financeiros, tornando possível ao entrevistador a formulação de novas perguntas ou a melhor aplicação das perguntas já formuladas.

A entrevista foi feita no dia 12 de junho de 2018 e o questionário foi aplicado no dia 25 de junho de 2018. A aplicação do questionário ocorreu no período da manhã, durante o horário de aula, nas turmas de 7º, 8º e 9º anos.

O objetivo da pesquisa é obter uma percepção de forma geral os alunos de acordo com o item 2.4 do presente trabalho, a qual se refere aos hábitos de uma criança/adolescente e também do item 2.4.1 referente também aos hábitos e ao conhecimentos dos elementos acerca das atividades financeiras em seus lares.

Sendo assim, o presente questionário (APÊNDICE A), estruturado como instrumento de pesquisa, foi dividido em um cabeçalho informativo simples e doze questões objetivas de fácil compreensão, sendo seis delas referentes aos conhecimentos básicos em assuntos financeiros e as outras seis, referentes aos hábitos e participação das crianças ou adolescentes nos assuntos financeiros familiares.

## 4 RESULTADOS

Dentre as três turmas, não foram levados em consideração a distinção de ano escolar, sexo e idade. Considerar-se-ão os resultados em aspectos gerais.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS FINANCEIROS BÁSICOS

Dentre as 12 perguntas apresentadas no questionário, 6 delas se referem aos conhecimentos básicos em assuntos financeiros que fazem parte do cotidiano de uma pessoa.

Para 72% dos entrevistados, a utilidade principal do dinheiro é a obtenção de produtos de necessidade básica, para pagamento de contas mensais e dívidas. 90% demonstrou conhecer o conceito de dívida. Dessa forma, pode-se perceber que o assunto tratado na seção 2.1 sobre a situação financeira do brasileiro, tem refletido na mentalidade criada nas crianças que já reconhecem a presença de dívidas familiares e inconscientemente associam o uso do dinheiro essencialmente aos pagamentos e compras básicas.

Verplanken (2006) demonstra que a percepção durante a infância é diferente da percepção de um indivíduo na fase adulta e no que se refere ao uso do crédito também apresentado na seção 2.1, obteve-se a informação de que 40% dos entrevistados não sabem exatamente qual utilidade possui um cartão de crédito e quando se deve usá-lo. Já os 60% dos entrevistados acreditam ter conhecimento a respeito, porém o tem erradamente. Eles acreditam que o cartão de crédito é como uma extensão do salário.

Em relação às informações quantitativas, 96% dos alunos entrevistados não possuem noção de preço de itens básicos, como o arroz citado na questão. Dentre essa porcentagem, maior parte relatou que o preço de um pacote de 5kg de arroz está entre R\$3,00 e R\$13,00. Apenas 2 dos 50 elementos da amostra apontaram um valor aproximado do real. Por outro lado, ao serem indagados a respeito do valor aproximado da conta mensal de energia elétrica em suas casas, 84% souberam estimar o valor médio. De acordo com eles, o conhecimento se dá pela cobrança dos pais referente ao excessivo uso de equipamentos tecnológicos. Essa cobrança acompanha dados e valores reais, os quais para eles, são valores relativamente altos, que eles puderam reconhecer, pois os pais o

apresentaram. Esse fato ressalta a importância de ensinar as crianças sobre a realidade familiar particular. Eles devem aprender certas atitudes relacionadas ao dinheiro, sua importância e destinação prioritária (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

Quando o assunto é o conceito de juro, 36% não sabe o que é. Os 74% restantes possuem conhecimento, afirmando que juro é algo ruim que torna uma conta mais cara. Dentre estes que possuem certo conhecimento, 9% possuem noção de rendimento ou poupança, ao optar pela alternativa que afirma que os juros tornam maior um investimento feito.

#### 4.2 HÁBITOS FINANCEIROS

As outras 6 perguntas se referem aos hábitos pessoais, buscando também, analisar hábitos a respeito da participação das crianças ou adolescentes nos assuntos financeiros familiares.

De todos os participantes, apenas 30% possuem algum envolvimento nas atividades financeiras de sua família, auxiliando nas compras de supermercados, analisando os melhores preços e participando dos cálculos de despesas mensais.

No que se refere ao recebimento de mesadas, os dados encontrados são os mesmos, metade recebe e metade não recebe. 52% gastam de acordo com o que sentem vontade de comprar no momento.

A maior parte do entrevistados afirma ter o hábito de guardar dinheiro. 32% procura guardar parte de sua mesada ou possui um cofrinho, acumulando dinheiro para comprar algo de maior valor no futuro. Esse fato reflete o resultado obtido na questão 10 (APÊNDICE A), onde 68% afirma já ter feito planejamento para comprar um bem de maior valor. A socialização familiar pode ser a grande responsável para que o aprendizado financeiro seja bem-sucedido (WHITEBREAD; BINGHAM, 2013).

Por fim, na questão 12 (APÊNDICE A), a respeito de investimentos e noção de curto e longo prazo, os alunos foram questionados se guardariam o dinheiro que receberam de presente de forma inesperada, durante um determinado período de tempo com seus pais, que lhes ofereceram uma opção de rendimento. 60% demonstrou disposição para guardar durante um tempo maior, para obter um maior rendimento. 10% não guardaria o dinheiro por

nenhum período de tempo e gastaria todo o valor, 18% não entregaria o dinheiro, porém o colocaria num cofrinho para usar quando necessário e 12% escolheria a opção de investimento por um período e rendimentos menores.

#### 4.3 NOVAS PESQUISAS

Utilizando o mesmo método aplicado neste trabalho, a construção de uma pesquisa mais aprofundada seria de bastante viabilidade. Pode-se considerar, por exemplo, a aplicação do questionário em mais escolas, podendo distinguir escolas públicas de escolas privadas. Em uma nova pesquisa, pode-se também avaliar se existem diferenças significantes nas respostas de cada uma das séries participantes. Apesar da pouca diferença de idade, pode haver algumas características diferentes que poderiam trazer resultados ainda mais consistentes. Analisar os sexos de forma individual, também poderia ser algo a contribuir com a pesquisa.



## 5 CONCLUSÃO

Perante a bibliografia apresentada, observou-se que o processo de decisão de um agente ocorre em grande parte por influência de hábitos. Compreende-se que tais hábitos podem surgir enquanto crianças e muitos deles podem ser mantidos no decorrer de sua vida enquanto adulto. O presente trabalho enfatizou como os hábitos são formados, mostrando que eles são como tendências e disposições em que as crianças se envolvem nos eventos e desafios que são sujeitas em seu dia a dia. Vale ressaltar que no caso das crianças, maus hábitos podem ser prevenidos, o que torna ainda mais válida a discussão em torno delas. Acerca disso, analisou-se o processo de aprendizagem em uma criança, mostrando que ele pode ocorrer através da indução, da motivação e da imitação. Através desse processo, as crianças constroem um reservatório de informações e conhecimento, os quais as tornam capazes de aplicá-los no momento necessário e também controlar certas ações e impulsos. Concluiu-se que cabe aos adultos participantes do cotidiano de uma criança ou adolescente, proporcionar as primeiras experiências observadas por elas, entendendo que elas podem reproduzir aquilo que seus sentidos podem captar.

Em relação à alfabetização financeira, constatou-se o mesmo. De fato, considera-se o ensino a principal base para um bom aprendizado, considera-se inclusive que a inserção da educação financeira, integralizada na grade curricular das escolas assim como ocorreu em Tocantins, pode ser de grande valia. Contudo, no caso das crianças e adolescentes, o ensino pode ser ainda mais produtivo quando concretizado através de ações. É necessário uma rotina de práticas observadas por eles, das quais eles se tornam imitadores e recebem motivação para também reproduzi-las. Sendo assim, verificou-se que crianças e adolescentes possuem maior interesse em assuntos financeiros quando os pais lhes proporcionam certa socialização, os permitindo participar de alguma forma das atividades financeiras familiares.

Na análise feita a partir dos resultados do questionário aplicado, foi possível identificar em relação aos conhecimentos financeiros básicos que os entrevistados possuem maior percepção acerca das dívidas, considerando o conceito de juros somente como resultado destas. Fator que ressalta os dados demonstrados acerca do brasileiro, que possui alto índice de endividamento e

inadimplência, demonstrando que as crianças e adolescentes já possuem conhecimento acerca dessa realidade, mesmo que inconscientemente. Sobre os hábitos financeiros, os resultados demonstraram que em geral, os entrevistados possuem disposição para guardar dinheiro. Por outro lado, agregou importância a socialização financeira familiar. A maior parte afirmou não ter envolvimento em atividades financeiras em seus lares, porém, ao serem questionados sobre preços, provaram ser propensos a ter maior afinidade com os valores que seus pais lhes apresentam de alguma forma. Esses resultados confirmaram o contexto apresentado no trabalho, no qual os autores defendem a formação de bons hábitos em termos econômicos nas crianças e a participação dos pais como um fator de extrema relevância no aprendizado.

Por fim, o presente trabalho conclui acerca da importância da combinação de dois fatores que podem proporcionar a criação e a manutenção de bons hábitos. Em suma, o ensino e a prática. Logo, identificou-se a importância da alfabetização financeira por parte das escolas, que podem proporcionar através do ensino uma boa base educacional financeira. Por conseguinte, identificou-se também que o ensino deve ser agregado à socialização financeira familiar, que permite a aplicação dos conhecimentos adquiridos através de atividades básicas cotidianas.

## REFERÊNCIAS

BOWEN, C.F. **Financial knowledge of teen and their parentes**. Association for financial counseling and planning. v.13 (2), p. 93 – 102. Pennsylvania, 2002.

BRASIL, Banco Central. Série Cidadania Financeira. nov, 2015.

\_\_\_\_\_. IBGE. Diretoria de Pesquisas, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2015. Disponível em:  
<<https://brasilensintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>.

\_\_\_\_\_. INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. Informe de resultados do PISA. 2015.

\_\_\_\_\_. INEP. **Notas Estatísticas**. Censo escolar da educação básica 2016. Brasília, 2017. Disponível em:  
[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2017/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_da\\_educacao\\_basica\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf)>.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). 2012. Disponível em: <  
[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/itens/2011/projeto\\_basico\\_aplicacao\\_pisa\\_2012\\_rev2.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/itens/2011/projeto_basico_aplicacao_pisa_2012_rev2.pdf)>.

CERBASI, G. **Filhos inteligentes enriquecem sozinhos**: Como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro. 7. ed. São Paulo: Gente, 2006.

DANES, S.M.; HUDDLESTON-CASAS, C.; BOYCE, L. **Financial planning curriculum for teen**: Impact evaluation. Association for Financial Counseling and Planning Education. v. 10, p. 26 – 39, Minnessota, 1999.

DARASHAH, R. Bem-vindo ao brasil: A arte de parcelar e o que ela significa para as marcas. São Paulo: **Blog Edelman**, 2015. Disponível em:  
<<https://edelman.com.br/post/bem-vindo-ao-brasil-a-arte-de-parcelar-e-o-que-ela-significa-para-as-marcas/>>.

FERREIRA, A.P.; LUCIRIO, I. Hábitos alimentares das crianças. **Revista viva saúde**. São Paulo: Escala, may, 2013.

GODFREY, N.S.; EDWARDS, C. **Money doesn't grow on trees**: A parent's guide to raising financially responsible children. EUA: Simon&Schuster, 1994.

HEUKELOM, F. **Behavioral economics**. Cambridge University Press. Cambridge, 2014.

HUSTON, S.J. **Measuring financial literacy**. The journal of consumer affairs. v. 44, n. 2, p. 296 – 316. Malden, MA, 2010.

KIYOSAKI, R.T.; LECHTER, S.L. **Pai rico, pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Tradução de: MONTEIRO, M. 60. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Título original: Rich dad, poor dad: what the rich teach their kids about money.

KOCH, A.; NAFZIGER, J.; NIELSEN, H.S. **Behavioral economics of education**. Journal of Economic Behavior & Organization. Elsevier, 2015. [S.I.].

LADEIA, B. **Não acredito em educação financeira**. São Paulo: IG, 2014. Disponível em: < <http://economia.ig.com.br/financas/meubolso/2014-05-11/nao-acredito-em-educacao-financeira.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

LAVECCHIA, A.M.; LIU, H.; OREOPOULOS, P. **Behavioral economics of education**: Progress and possibilities. National Bureau of Economic Research (NBER). Cambridge, oct, 2014.

LOEWENSTEIN, G.; PRICE, J.; VOLPP, K. **Habit formation in children**: Evidence from incentives for healthy eating. Journal of Health Economics. USA: Elsevier, 2016.

LUSARDI, A. **Household saving behavior**: The role of financial literacy, information, and financial education programs. National Bureau of Economic Research (NBER). Cambridge, feb, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MULLAINATHAN, S.et. al. **The marketplace of perceptions**. Harvard Magazine. Cambridge, april, 2006.

MULLAINATHAN, S.; THALER, R.H. **Behavioral economics**. National Bureau of Economic Research (NBER). Cambridge, oct, 2000.

NETO, A. P. S. Superendividamento do consumidor: Conceito, pressupostos e classificação. Rio de Janeiro: **Revista da SJRJ**, n. 26, p.169, 2009.

OLIVEIRA, G.; MALI, T. Como ensinar as crianças a lidar com dinheiro. São Paulo: **Época**, 2014. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/vida-util/dinheiro/noticia/2014/12/como-ensinar-criancas-blidar-com-dinheirob.html>>.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). PISA, 2015 results: students' financial literacy. Paris: **OECD Publishing**, 2017. v. 4.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **Microeconomia**. Tradução de: PRADO, E.; GUIMARÃES, T. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. Título original: Microeconomics.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da alfabetização financeira: Análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v.26, n 69, p. 362-377, dez, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/rcf/article/view/108787/107219>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SARTORIS, A. **Estatística e Introdução à econometria**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano**: Investimentos em educação e pesquisa. Tradução de: MATOS, M. A. de M. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973 [1971].

SERASA. Experian Information Solutions. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/amplieusconhecimentos/indicador-es-economicos>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

TOCANTINS. Governo do Estado. Seduc, 2018. Disponível em: <<https://seduc.to.gov.br/noticia/2018/2/2/tocantins-comemora-a-inclusao-da-educacao-financeira-na-base-nacional-comum-curricular/>>.

VARIAN, H.R. **Microeconomia**: Princípios Básicos. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

VERPLANKEN, B.; WOOD, W. **Interventions to break and create consumer habits**. Journal of Public Policy & Marketing. American Marketing Association, v. 25, p. 90 – 102, 2006.

WHITEBREAD, D.; BINGHAM, S. Habit formation and learning in young children. London: **The Money Advice Service**, may, 2013.

XIMENES, S.B. **Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev.e ampl. p. 454. São Paulo: Ediouro, 2001.

YOONG, J.; FERREIRA, V.R. de M. **Improving financial education effectiveness through behavioural economics**: OECD key findings and way forward. OECD, may, 2013.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Bom dia. Meu nome é Karyne Hipolito, sou estudante do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná. Esse questionário fará parte de meu trabalho acadêmico de conclusão de curso (monografia), com relação ao tema Educação Financeira. Sua participação e respostas são muito importantes para esse trabalho. Desde já, agradeço sua disposição e colaboração.

### 1 - O que é dinheiro para você?

- a) É o que permite adquirir itens de necessidade básica
- b) É algo que permite comprar tudo o que eu quero
- c) É o que se usa para pagar contas, dívidas
- d) É o que meus pais guardam para viagens de férias

### 2 - De que forma você participa das atividades financeiras em sua casa? Qual seu envolvimento?

- a) Não costumo me envolver em assuntos sobre dinheiro em minha casa
- b) Auxiliando nas compras de supermercado, analisando os melhores preços
- c) Participando dos cálculos de despesas da casa todo mês
- d) Só penso no dinheiro quando peço pros meus pais para eu ir ao cinema com meus amigos, comprar lanche ou comprar algo que eu quero muito

### 3 - O que é uma dívida?

- a) Uma conta atrasada
- b) Resultado da compra de algo que meus pais não conseguiram pagar
- c) Não sei o que é uma dívida
- d) É o que torna uma pessoa pobre

### 4 - Em que momento se deve usar o cartão de crédito?

- a) Sempre que quero comprar algo mas não tenho dinheiro
- b) Não sei para que usar o cartão de crédito
- c) Para pagar contas atrasadas
- d) Quando quero pegar dinheiro emprestado

### 5 - Você recebe mesada? Se sim, gasta em quanto tempo?

( ) Sim    ( ) Não

- a) Gasto tudo no momento que recebo, e ainda peço emprestado para pagar com o dinheiro da próxima mesada
- b) Gasto parte durante o mês, e a outra parte sobra pro próximo mês
- c) Não gasto minha mesada, guardo todo o valor
- d) Me programo para gastar no período exato (30 dias)

**6 - Com o que você gasta sua mesada?**

- a) Com lanches na escola
- b) Compro roupas, tênis e acessórios
- c) Gasto com o que tenho vontade no momento
- d) Guardo para projetos ou sonhos futuros

**7 - Você tem o hábito de guardar dinheiro?**

- a) Não tenho dinheiro pra guardar
- b) Não guardo, gasto tudo que ganho
- c) Tenho um cofrinho onde coloco as moedas que recebo de troco
- d) Guardo parte da minha mesada ou do dinheiro que recebo de presente e deixo acumular para comprar algo de maior valor no futuro

**8 - Quanto custa um pacote de arroz de 5kg? \_\_\_\_\_****9 – Qual é o valor da conta de energia elétrica em sua casa, geralmente?**  
\_\_\_\_\_**10 - Você já planejou comprar algo caro (ex: console de jogo) ou fazer uma viagem com seu próprio dinheiro e guardou até conseguir?**

( ) Sim    ( ) Não

**11 - O que é juro?**

- a) Algo ruim que torna uma conta mais cara
- b) Não sei o que é juro
- c) Algo bom que torna maior um investimento
- d) É o valor que o governo coloca no preço das mercadorias no supermercado

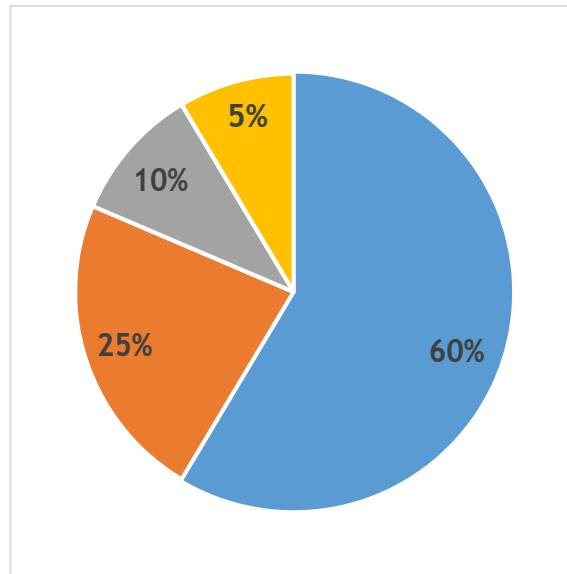
**12 – Suponhamos que você ganhou R\$100,00 de presente de seus avós. Seus pais explicam a você o conceito de investimento, no qual seu dinheiro pode ter certo rendimento. Eleste apresentam as seguintes propostas:**

1. *Entregar essa quantia para ficar com eles durante 3 meses e receber ao fim deste período o valor de 190,00.*
2. *Deixar o dinheiro com eles apenas durante uma semana e receber R\$100,70.*

**12.1 - O que você faria?**

- a) Escolheria a opção 1, pois ganharia 1 real por dia durante 3 meses.
- b) Não entregaria o dinheiro, pois quero gastar com o que quero agora
- c) Não entregaria o dinheiro, mas guardaria no meu cofrinho para emergências
- d) Escolheria a opção 2, pois 0,10 centavos por dia já é suficiente





**12.2 - Sabendo que esse gráfico inteiro representa o presente de R\$100,00 que você recebeu, de que forma você o gastaria?**

- a) 60% cofrinho, 25% roupa nova, 10% gastos com lanches e 5% ajudaria meus pais em alguma despesa.
- b) 60% gastos com lanches, 25% ajudaria meus pais, 10% compraria uma película nova para meu celular e 5% cofrinho
- c) Guardaria 100%
- d) Gastaria 100%

***MUITO OBRIGADA PELA PARTICIPAÇÃO!! :)***